

# O NATIVISMO AMBÍGUO DE GREGORIO DE MATTOS & GUERRA

Adriano Espínola<sup>1</sup>

## Resumo

*Este trabalho tem por objetivo discutir o sentimento nativista do poeta barroco Gregorio de Mattos & Guerra, que, para muitos, teria sido o primeiro escritor a exprimir apego à terra ao criticar a exploração dos colonizadores portugueses. A análise, entretanto, de seus versos e da descrição que sobre ele realiza seu suposto biógrafo, o licenciado Rabello, aponta para um nativismo ambíguo ou mesmo um antinativismo. Essa contradição se explica pela própria tendência antitética do Barroco aliada ao temperamento dramático, fingido, do poeta e à mobilidade social da América Portuguesa do século 17.*

**Palavras-chave:** *nativismo; sátira; barroco; contraditório; dramático; protético.*

## Abstract

*This paper aims to discuss the Baroque poet Gregorio de Mattos & Guerra's nativism sentiment. To many critics, the poet was first brazilian writer to express it, when he satirized the portuguese colonial exploitation. However, the analyse of his verses and the his supred biographer licenciado Rabello's description leads to an ambiguous nativism or even an antinativism sentiment of the poet. This contradiction is explained by the antithetical tendency of the Baroque associated to the poet's feigned, dramatic temperament and the great social mobility of the Portuguese America in the 17<sup>th</sup> century.*

**Key words:** *nationalism; satire; baroque; contradictory; pramatic; protean.*

## INTRODUÇÃO

Gregorio de Mattos e Guerra (Bahia, 1636 - Recife, 1713?) é provavelmente o poeta mais problemático, polêmico e prismático da literatura brasileira. Problemático, porque, sob a etiqueta Gregorio de Mattos, palpitam dúvidas autorais e textuais de difícil resolução, em razão do caráter apógrafo da obra, espalhada em cerca de uma trintena de códices, com variações a que somente uma so-nhada edição crítica poria término. Polêmico, porque ainda hoje há quem discuta sua originalidade e quem a reafirme. Prismático, porque o escritor baiano seria dono de uma obra multifacetada – religiosa, erótica, lírica, satírica, enco-miástica, jocosa -, barrocamente contraditória (Espínola, 2000: 21-22). De todo modo, tornou-se ele, no dizer de Aderaldo Castello (1999:78), uma figura-síntese do seu século, na poesia, ao lado do Padre Antônio Vieira, na prosa.

Para aqueles que defendem a originalidade do poeta, acrescenta-se o fato de que teria sido o primeiro grande escritor autenticamente brasileiro, ao incorporar à sua produção não só temas - o retrato burlesco-satírico da cidade da Bahia colonial e de seus habitantes -, mas também uma linguagem já “brasileira”, proveniente dos inúmeros coloquialismos, gírias, tupinismos, africanismos e expressões populares correntes na cidade da Bahia, no último quartel do século XVII. Teria sido, também, o primeiro a expressar criticamente um sentimento nativista ou mesmo nacionalista, como é possível observar nos seguintes famosos versos:

*Que os brasileiros são bestas,  
e estarão a trabalhar  
toda a vida por manter  
maganos de Portugal. (1992:1172).*

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Literatura da UFC e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O teor satírico de tais versos, voltado para o agente dominador, se, por um lado, exprime consciência da exploração da empresa colonial, por outro, desponta como defesa dos brasileiros, que se encontram em posição servil (“...são bestas/ estarão a trabalhar/ toda a vida”). Claro está que o poeta, ao espetar os maganos portugueses e provocar os próprios brasileiros, que se deixam enganar pelos primeiros, coloca-se ao lado dos conterrâneos. Porém, mais que isso, GM sente que lhe pertence afetivamente, por nascimento e merecimento, a pátria baiana, como assim se expressa:

*O certo é, pátria minha,  
que fostes terra de alarves,  
e inda os ressábios vos duram  
desse tempo, e dessa idade.*  
(Op. cit., 334; grifos nossos)

A locução “pátria minha” revela, sem dúvida, a forte ligação do poeta à terra natal. Trata-se não só de sua pátria, mas, igualmente, da terra dos familiares e amigos, isto é, trata-se de uma possessão comum, coletiva, como, adiante, ao exaltar o capitão Bento Pereira, dirá de forma explícita:

*Amigo Bento Pereira,  
que em todo o nosso Brasil,  
sois homens de muitas prendas,  
tendo tão pouco quattrim.*  
(Op. cit., 279; grifos nossos)

Estendendo ao outro esse sentimento comunitário (“o nosso Brasil”), Gregório de Mattos se apresenta como o primeiro poeta a expressar aliança afetiva e efetiva à América Portuguesa, para além simplesmente do elogio à natureza local, tal qual realizou Botelho de Oliveira (1705), em *A Ilha de Maré*, onde os peixes, as pitombas, os melões, as árvores, os ares, o açúcar e as águas é que são exaltados - e não o homem e o meio sócio-cultural.

Acreditando na “voz brasileiríssima” de GM, Pedro Lyra (1986:63) não hesita em dizer que “a partir do seu grito, a consciência nacional está nas ruas: com maior ou menor vigor nesta ou naquela fase, ela atravessa a nossa história literária no sentido de eliminar o transplante inicial e definir a natureza de um projeto literário inconfundivelmente brasileiro”. Lúcia Helena (1983:25) afirma, em diapasão, que a poesia satírica do bardo barroco “traz a força contestadora da crítica nacional”.

## A PESTE DO PÁTRIO SOLAR

Teria Gregório realmente tido consciência dessa “crítica nacional” em seus versos contestadores? Em uma primeira e superficial leitura, pode-se pensar que sim, sobretudo quando GM denuncia a exploração da Colônia promovida pelo português - representado aqui pela frota mercantil -, deixando o povo à míngua:

(...)  
*mas frota com tripa cheia,  
e povo com pança oca!  
Ponto em boca.  
A fome me tem já mudo,  
que é muda a boca esfaimada;  
mas se a frota não traz nada,  
por que razão leva tudo?*  
(Op. cit., 339)

Discordando, entretanto, desse nativismo crítico atribuído ao poeta (o de Botelho seria acrítico, por realizar tão somente o elogio à terra), Teixeira Gomes (1985:343) observa que “a brasilidade gregoriana, tão patente na sua poesia, emerge antes de tudo como manifestação de uma embrionária consciência de classe: a dos produtores rurais, cujos interesses eram afetados pelas relações da economia colonial, rigorosamente favoráveis à Metrópole”.

Opinião semelhante revela Alfredo Bosi (1992:101), ao assinalar que na poesia de GM “o que está em jogo não é uma forma irritada de consciência nacionalista ou baiana, mas uma rija oposição estrutural entre a nobreza, que desce, e a mercancia, que sobe”. O escritor, com efeito, inconformado com a transformação da Bahia, à força de “tanto negócio e tanto negociante”, deseja que a cidade se torne de repente “tão sisuda/ que fora de algodão o [seu] capote” (Mattos, Op. cit., 333).

Resultado da sujeição do povo brasileiro ou mesmo de uma classe, que se vê espoliada (o pai de GM, por sinal, era homem rico, dono de três fazendas de cana-de-açúcar), o sentimento nativista de GM parece incontestado. Ao criticar a exploração colonial ou ao se referir ao país como “pátria minha” ou “o nosso Brasil”, o poeta estaria manifestando, em lance pioneiro e surpreendente, acentuado sentimento patriótico e antilusitano.

O estudo da vida privada e da mentalidade dos protagonistas sociais da colônia baiana, na segunda metade do século XVII, não permite, porém, afirmar que estes soubessem que, a partir do século XIX, a colônia transformar-se-ia em um Estado nacional (Novais *et alii*, 1997:17) e que, muito menos, haveria uma literatura brasileira, autônoma. Viviam simplesmente como se a América Portuguesa fosse uma extensão política, cultural e geográfica do reino.

Se essa concepção prevalecia até mesmo entre os nascidos e criados no Brasil, calculem a situação de GM, ao ter passado cerca de 30 anos em Portugal e convivido com seus escritores, instituições literárias, jurídicas e culturais, sendo considerado na metrópole, segundo afirma, “sábio, discreto, e entendido,/ poeta melhor que alguns,/ douto como os meus vizinhos” (Mattos, Op. cit., 152). Natural, portanto, que desejasse continuar a ser visto assim por seus “vizinhos” e pares portugueses.

A idéia de GM como poeta precursor de sentimento nativista ou mesmo nacionalista começa a se esboroar - independentemente da origem desse sentimento ter sido co-

munitária, classista ou mesmo impossível naquele momento -, quando observamos os próprios versos e a descrição que dele realiza seu suposto biógrafo, o licenciado Manoel Pereira Rabello. No primeiro caso, observamos, não raro, uma atitude de crítica violenta ou mesmo de repulsa ao país, como na conhecida estrofe em que se define em relação ao Brasil:

*Eu sou aquele que os passados anos  
cantei na minha lira maldizente  
torpezas do Brasil, vícios e enganos.*  
(Op. cit., 366; grifos nossos)

Quanto à cidade da Bahia e aos seus habitantes, o poeta deles quer distância, como sugerem os versos:

*Ausentei-me da cidade,  
porque esse povo maldito  
me pôs em guerra com todos,  
e aqui vivo em paz comigo.*  
(Op. cit., 150; grifos nossos).

Em outro momento, ao se dirigir à prostituta Catona, dispara:

*aos depois os meus desvelos  
me trouxeram a esta peste  
do pátrio solar, a este  
Brasil (...).*  
(Op. cit., 1032; grifos nossos).

Entretanto, as imprecações contra o país não param aí. Condenado ao exílio, em 1694, e proibido de retornar à Bahia por ordem do governador dom João d'Alencastro, exclamará a bordo da nau que irá levá-lo a Angola:

*Adeus praia, adeus Cidade,  
e agora me deverás,  
Velhaca, dar eu adeus  
a quem devo o demo dar.  
(...)  
Adeus Povo, adeus Bahia,  
digo, canalha infernal.*  
(Op. cit., 1170; grifos nossos).

Para, em seguida, mostrar toda a sua indignação em ser brasileiro, “branco e honrado”:

*Não sei para que é nascer  
neste Brasil empestado  
um homem branco e honrado  
sem outra raça.  
Terra tão grosseira e crassa,  
que a ninguém se tem respeito,  
salvo quem mostra algum jeito  
de ser mulato.*  
(Op. cit., 1164; grifos nossos).

O ressentimento e a raiva expressos acima se mostram, com toda a evidência, antinativistas: o episódio do exílio alimenta a amargura diante da outrora “pátria minha”. A sátira ressoa tal qual uma vingança ou mesmo um insulto ao burgo natal, que não soube abrigar e proteger o filho. Daí a idéia - já antes posta em circulação em outro poema - de que a “Senhora Dona Bahia” é “madrasta dos naturais/ e dos estrangeiros, madre” (Op. cit., 334).

Os versos em exame apontam para o fato de que o poeta se sente refratário ao meio e em franca colisão com ele. Por seu turno, a descrição que o licenciado faz de Gregório reforça a idéia de que este se sente mais português que brasileiro:

*Trajava comumente seu colete de pelica de âmbar,  
volta de fina renda, e era finalmente um composto de  
perfeições, como poeta português, que são Esopos  
os de outras nações.*  
(Op. cit., 1270; grifos nossos).

Como se nota, Rabello o pinta à semelhança de um poeta português típico. Faz sentido. Literariamente, GM teria desejado a inserção no percurso da lírica portuguesa e não da brasileira - naquele momento, aliás, inexistente.

Não devemos esquecer que Botelho de Oliveira, seu coetâneo, orgulha-se, em prefácio ao livro *Música do Parnaso*, em ser “o primeiro filho do Brasil, que faça pública a suavidade do metro”, enquanto o licenciado enxerga no *Boca do Inferno* um “perfeito poeta português”.

Curiosamente, Botelho de Oliveira, mesmo desejando tornar logo “as musas brasileiras”, não alcança o intento. Sua dicção e temática (à exceção, neste último caso, de *A Ilha de Maré*) são francamente lusitanas (sintaxe e vocabulário) e/ou hispanizadas (gongórica). Já GM, posando de “poeta português” e execrando a pátria, consegue - *malgré lui*, pela linguagem e temática utilizadas, notadamente nos poemas jocosos, eróticos e satíricos - tornar brasileira a musa...

Quer dizer: a nossa fundação poética se realiza por vias transversas. Gregório de Mattos funda uma pátria em negativo: “a peste do pátrio solar”. E uma poética, idem, com sua “lira maldizente”, que antes quer “falar e morrer/ que padecer e calar” (Op. cit., 1180).

A nossa afirmação identitária provém, portanto, da negação do *outro*: torto, magano, Caco, patarata, puteiro, caramuru, pasguate, patife, mulato metediço, fidalgo de parola... Que somos, afinal, nós mesmos. Bons de crítica, de gozação, de (auto)zombaria. Inauguradas estas, aliás, por quem se mostrou jogador de primeira, bicho festeiro - de “pança cheia e pé dormente” -, galhofeiro contumaz e satírico incorrigível. Que, com sua musa burlesca e “da viola empossado,/ cantava como um quebrado,/ tangia como um crioulo,/ conversava como um tolo,/ e ria como um danado”... (Op. cit., 451).

Há mais de 300 anos, somos, assim, esse Narciso às avessas, diria Néelson Rodrigues, que cospe na sua imagem e ri de sua miséria. Tália, a musa da comédia e “anjo da guarda” do poeta, seria a musa barroca de nossa formação. A musa que preside desde nosso comportamento mais íntimo, feito de “manha e malícia”, à explosão rueira, sensual e fantasiosa do carnaval. GM, sob esse aspecto, se apresenta como o nosso primeiro grande intérprete; o tradutor cômico-poético das mazelas particulares e sociais, da mestiçagem mística e erótica, dos desejos, tormentos e prazeres da patuléia luso-tropical. De nossas contradições, enfim.

## POR UMA LITERATURA “ADULTA” OU ADÚLTERA?

Haroldo de Campos (1989:64), escorado no conceito benjaminiano de *Ursprung*, afirma que nossa literatura “não teve infância”, já nasceu “adulta”, “falando o código mais elaborado da época”; foi, em uma palavra, “vertiginosa”. Mas essa vertigem não pode ser literalmente levada a sério. Proveniente do *Boca do Inferno*, torna-se mordaz, cômica. Que morre, mas não cala.

A nossa origem não estaria propriamente na vertigem, que leva ao sublime, mas na risada, que conduz ao grotesco, à inversão, ao desbocamento. Ou, se quiserem, na “percepção da incongruência entre o que se pensa e o que se vê” (Schopenhauer). No flagrante de situações e comportamentos que se desenrolam “do alto das mais pomposas pretensões até desfazer-se em indecorosidades quase animais” (Staiger, 1975:157). Na criação de uma tensão exagerada, para desfazê-la em seguida. Na observação de extravasamentos e incoerências dos mais diversos tipos da “colônia infernal”: padres, governadores, mulatos, prostitutas, juízes, letrados, falsos nobres, fidalgos presumidos...

A origem identitária/poética brasileira decorreria, deste modo, da galhofa teatral gregoriana, capaz de pôr o mundo às avessas, mas também de “repô-lo” em ordem, através de seu viés corretivo. Em suma, seria antes *adúltera* - mestiça, misturada, grotesca - que “adulta”, de registro alto e sublime...

Voltando à questão, é possível acreditar que GM teria sido o primeiro poeta a exprimir, entre os brasileiros do século XVII, afeição à pátria, chegando a defendê-la em sua sátira. Da mesma maneira, podemos pensar que, longe disso, mostrou-se um antinativista convicto, um indivíduo que detestava o “Brasil empestado” e seu “povo maldito”.

Diante do problema - ser ou não ser brasileiro e mazombo, baiano ou fidalgo, ignorante ou sábio metropolitano -, de que modo situar o poeta com justeza? A resposta, para nós, reside no fato de que estamos simplesmente diante de mais uma das contradições gregorianas. Se o escritor, de um lado, se apresenta um nativista crítico e mesmo

antilusitano, de outro, se revela antibrasileiro até, desejo de passar por um nobre poeta português, distante dos “paiaiais” e da “canalha infernal”.

Creemos que a duplicidade de atitude de GM só se explica se a situarmos inicialmente dentro da própria estética e ideologia barrocas, cuja operação básica se realiza, como se sabe, segundo a *coincidentia oppositorum* dos termos, estruturados de forma gestual, teatral. Nesse sentido, Gregório de Mattos nada mais faz do que um jogo barroco de oposições. Desta vez centrado no sentimento à pátria.

Obviamente tal procedimento antitético se encontra em consonância com o temperamento do poeta, suficientemente plástico e dramático, capaz de expressar as diversas circunstâncias da Bahia seiscentista, vivenciadas e/ou imaginadas por ele. Acrescente-se a isso, a própria mobilidade de uma sociedade em formação, na qual a troca freqüente de posições e as alterações de fortuna - satirizadas inúmeras vezes pelo poeta, a exemplo do verso: “Bengala hoje na mão, ontem garlopa” - favoreceram, por certo, a labilidade ou a ambigüidade do sentimento nativista de Gregório.

## PROTEU NATIVISTA

Quer em termos estéticos, quer em termos psicológicos ou sociais, o fato é que o poeta, em relação ao Brasil, joga entre a identidade e a alteridade. O que significa que seu nativismo ocorre de forma mascarada, *outrada* - como, de resto, a sua própria produção poética, alternativamente lírica, jocosa, satírica, encomiástica, erótica e/ou religiosa. Porque no centro de todas essas manifestações literárias e atitudes encontra-se um *eu* volúvel, descentrado e deslizante. É com ele que GM põe para funcionar sua comédia baiana - barroca -, mostrando-se ora apegado à terra, ora descolado. E é com ele, enfim, que o poeta ajusta a máscara ao rosto cambiante, em um jogo de encenações permanentes e inseparáveis, a um só tempo, de sua arte múltipla e de sua existencialidade empírica, social.

Em conclusão, diríamos que o baiano representa, no sentido teatral, tanto um poeta brasileiro quanto (malgradadamente) português. O aspecto moral e afetivo de sua escolha não conta. Daí não ser possível observá-lo sob um ângulo só. Pois, para ele, falar, orgulhoso, no “nosso Brasil” e na “pátria minha” e criticar os “maganos portugueses” é equivalente a referir-se, indignado, à “peste do pátrio solar”, não sabendo porque raios teria nascido “neste Brasil empestado” e no meio de tanta gente “ignorante e canalha”.

Se essa ambigüidade lhe confere, de um lado, dupla e conflitante nacionalidade, de outro, lhe dá cidadania permanente no território da poesia barroca, comum aos dois países. Gregório de Mattos e Guerra, em síntese, se revela simultânea e fingidamente uma coisa e outra. Ora se encontra do lado do colonizador, ora do colonizado. Ou o contrário: ora

antilusitano, ora antibrasileiro. Não importa saber, aqui, a quem teria sido mais fiel. Aliás, em matéria de fidelidade - à terra, às amizades ou às mulheres -, não era lá bem o seu forte...

Ao nosso ver, Gregório de Mattos se assemelha a um Proteu nativista, cuja pátria não era outra senão a própria poesia mascarada, barrocamente mutante nos trópicos aliantes e/ou infernais. Quem talvez melhor o definiu, nesse sentido, foi o padre Lourenço Ribeiro, seu suposto arquiinimigo e biógrafo às avessas - por isso mesmo, mais crível no retrato que dele nos transmite:

*Tens mudado mais estados  
que formas teve Proteu:  
não sei que estado é o teu,  
depois de tantos mudados. (Op. cit., 608)*

O Brasil teria que esperar quase um século para que o sentimento à terra, na poesia árcade de um Cláudio Manuel da Costa se tornasse mais entranhado e outro tanto espaço de tempo, para que esse nativismo se transformasse em bandeira nacionalista, plantada “no meio das tabas de amenos verdes” ou balançando-se por entre brisas e beijos, em busca utópica da pátria civil e literária. Esquecendo-se ou mesmo não sabendo, os escritores árcades e românticos, de que essa pátria já tinha sido arrevesadamente inaugurada pelo sopro satírico do *Boca do Inferno*...

## BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Alfredo (1992) *Dialética da colonização*. São Paulo, Companhia das Letras.
- CAMPOS, Haroldo de (1989) *O seqüestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. 2ª. ed. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado.
- CASTELLO, Aderaldo (1999) *A literatura brasileira - origens e unidade*. São Paulo, Edusp, 2 vols.
- ESPÍNOLA, Adriano (2000) *As artes de enganar - um estudo das máscaras poéticas e biográficas de Gregório de Mattos*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- GOMES, João Carlos Teixeira (1985) *Gregório de Mattos, o Boca de Brasa*. Petrópolis, Vozes.
- HELENA, Lúcia (1983) *Uma literatura antropofágica*. 2ª. ed. Fortaleza, Edições UFC.
- LYRA, Pedro (1986) Sob o signo da devoração. In: *O real no poético II*. Rio de Janeiro, Cátedra/INL.
- MATOS, Gregório (1992) *Obra poética*. Ed. James Amado. 3ª. ed. Rio de Janeiro, Record, 2 vols.
- NOVAIS, Fernando A. *et alli* (1997) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, vol. I.
- STAIGER, Emil (1975) *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.